



POEMAS REBELDES VOL.1

AUTOR: LETTERIO SANTORO

BIBLIOTECA APEG – GARÇA-SP. DEZEMBRO 2016



REDES SOCIAIS

@associacaodepoetaseescritoresdegarca

@tirasfido

@minhahistoriaapeg



SITES

www.apegletras.blogspot.com

www.minhahistoria.rf.gd

ASSOCIAÇÃO DE POETAS E ESCRITORES DE GARÇA (APEG)

Criada em 16 de janeiro de 2005, numa tarde de um domingo chuvoso, na sede da Associação de Aposentados e Pensionistas de Garça durante a sua primeira reunião onde estavam presentes seus 11 fundadores: Afonso Cesar Caffer, Aparecido Pereira, Célia Regina Nogueira Izar, Danela Maria da Silva, Eliane de Santana Mina, Fagner Roberto Sitta da Silva, Jacira Machado, Juliana Kaori Nakata Albino, Letterio Santoro, Luiz Maurício Teck de Barros, Maria do Rosário Pedrazza Sêga e Sebastião Donizete Limpo.

Este grupo foi o marco inicial da Associação e do movimento literário do município, já que a idéia de sua fundação partiu da experiência trazida por uma criança de 11 anos que participava da APEM - Associação dos Poetas e Escritores de Marília. Com isso os poetas e escritores locais sentiram a necessidade de se agruparem também, numa associação aos moldes da que em Marília já tinha dois anos de atividades.

POEMAS REBELDES VOL.1



(Francisco – quadro de Alfredo Volpi, tirado da internet)

Autor: Letterio Santoro

BIBLIOTECA APEG – GARÇA-SP, DEZEMBRO 2016

EPÍGRAFES

“...que na doidice só consiste o siso.” *(Luiz de Camões)*

“...se não é siso um pouco de loucura.” *(Luiz de Camões)*

“...a piè del vero il dubbio;...” *(Dante Alighieri)*

“...che non men che saver, dubbiar m’ aggrata.” *(Dante Alighieri)*

“...libertà va cercando, ch’ è sì cara,
come sa chi per lei vita rifiuta.” *(Dante Alighieri)*

“ Nasci para ser... E conheci: ofício de destino meu, real, era
o de não ter mêdo. Ter mêdo nenhum. Não tive! ” *(Guimarães Rosa)*

“Não tenhais receio do rei de Babilônia que tanto temeis.” *(Jer 42,11)*

“Eu sou mais forte do que eu.”
(Clarice Lispector, in Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres)

“Não sou meu sobrevivente, mas sim meu contemporâneo.” *(Murilo Mendes)*

“Eu quis acender o espírito da vida,
.....
Me rebelei contra Deus,
.....
Então o ditador do mundo
Mandou me prender no Pão de Açúcar:
.....
Mas não posso pedir perdão.”
(Murilo Mendes, in Novíssimo Prometeu)

“...sempre contente, nunca satisfeito!” *(Letterio Santoro, in Travessia)*

“Fui eu quem retirou vocês da terra do Egito

*e, através do deserto, guiei vocês durante quarenta anos,
a fim de os tornar proprietários da terra dos amorreus.” (Am 2,10)*

“...morir cuerdo y vivir loco.” (Cervantes, in Dom Quixote)

DEDICATÓRIA

A
todos (as)
os (as) rebeldes
de todas as idades e tempos
a expressar a sua indignação
contra todo tipo de opressão e injustiça.

PERFIL DO POETA

LETTERIO SANTORO, filho de Pasquale Santoro e Maria Teresa Mantuano Santoro, é italiano de nascimento (30.01.1940, em Fuscaldo, província de Cosenza), brasileiro naturalizado (1968) e garcense de coração (desde 29.12.1988, quando se mudou para cá). Em 1947, sua família, em função da guerra, emigrou para o Brasil, fixando residência no então Distrito de Entre Folhas, da gentil cidade de Caratinga, nas Minas Gerais, onde seu pai introduziu o sorvete. Em 1950, mudaram-se para São Paulo. O autor terminou o ensino primário em 1952, no Grupo Escolar Almirante Barroso, no bairro do Jabaquara, com a severa Prof^a Francisca Benedita Catão, que premiou uma reprodução sua sobre a Lenda do Miosótis com a transcrição no Livro dos Melhores Trabalhos.

Durante onze anos (de 1953 a 1964), estudou em Seminários Menores (ginásio e colegial) e Maiores (Filosofia e Teologia), depois dos quais cursou a Faculdade de Educação da USP à noite, e trabalhou durante o dia nos primeiros empregos. Casado com a artista plástica Judite Zago Santoro, tem dois filhos (Leonardo e Beatriz Zago Santoro) e três netos (Cauê, Maria Gabriela e Alice). Trabalhou durante 14 anos no SENAC/SP e 21 anos na FEBEM/SP (até 13 de abril de 2006). Aposentado desde 2003.

Embora escreva sistematicamente desde o final de sua adolescência em 1958, quando, nos silêncios do Seminário do Ibaté, S. Roque/SP, registrava, em Diário, suas observações e sentimentos, na verdade, só a partir de 1989 colabora efetivamente como poeta, cronista e contista em diversos jornais da cidade de Garça, de modo especial, ultimamente, na coluna Opinião do Comarca de Garça. Suas crônicas tratam basicamente de cidadania e da luta pela conquista dos direitos. De 1994 até agora, na Festa das Cerejeiras, distribui aos visitantes, com ou sem patrocínio de empresas locais, um poema diferente a cada ano. O que lhe mereceu oficiosamente em 2007, por parte de um grupo de artistas locais, o título de “Poeta das Cerejeiras de Garça.”

Cristão, esforça-se por viver a sua fé nas diversas comunidades de que participa. Pertenceu ao grupo de coordenação dos Casais em 2^a União da Diocese de Marília (entre 2000 e 2016), e à Pastoral da Comunicação (programas de rádio até 2016). É membro da Sociedade de São Vicente de Paulo. De agosto de 2007 a junho de 2015 frequentou semanalmente o Grupo de Estudos Bíblicos Santa Clara que ajudou a criar.

É filiado e militante do Partido dos Trabalhadores desde a sua fundação, tendo sido candidato a Vereador (em 1992, 2000, 2008, 2012 e 2016) e a Vice-Prefeito (1996). Gosta de Política como serviço à cidadania em busca do bem comum e não como poder sobre a população, frequentando sistematicamente, às segundas-feiras, as Sessões da Câmara Municipal de Garça desde 1989.

Apaixonado por literatura desde os tempos de colégio, onde colaborava com pequenas crônicas no jornalzinho interno Ecos da Tribuna, e participava de Círculos e Grêmios Literários, em 16.01.2005 ajudou a fundar a APEG – Associação de Poetas e Escritores de Garça. Vive hoje sob o signo da Poesia.

Em edições muito limitadas e a expensas próprias, o autor publicou os seguintes livros de poesia: Romanceiro de Garça (2005), seu primeiro livro; Travessia: década de 70 (2005); Travessia: década de 80 (2005); Travessia: década de 90 (2006); e Poemas do Jubileu (2006), organizado para comemorar as bodas de ouro do autor com a poesia (1956 – 2006); e em 2007 publicou O Eu Herói e Amor Plural, abrangendo a sua visão de amor sob diversos ângulos. Publicou ainda: Romanceiro de Garça (segunda edição revista e ampliada) (2008); Sonetos da Vida Inteira (2010); Lições das Cerejeiras – 1º vol. (2010), com a coletânea completa dos poemas distribuídos nas Festas das Cerejeiras em edição de bolso. Os livros Poemas para meu Povo: 2001-2005 (2010), e Poemas para meu Povo: 2006-2010 (2011) e Poemas para meu Povo (1989-2000) (2011) contêm os poemas publicados mensalmente na imprensa local. Ainda em 2011: Travessia (2001-2010), Lições das Cerejeiras – 2º vol., Livro de Haicais e Poemas de Natal. Em 2012 editou Poemas do Mar, Mãe-Terra (Poemas Ecológicos), Alma de Profeta (Poemas Religiosos), Antologia Poética, Elegias (Poemas sobre a Morte) e Momentos (Poemas da Infância e da Adolescência).

Em parceria com outros poetas locais participou da Antologia do Primeiro Encontro Poético em Garça (1997) e do livro Poetas Reunidos nº 1 (2006). Organizou até agora os livros das séries Poetas Reunidos (I a V) e Todos Cantam Sua Terra (I a III).

Vem editando a série de livros próprios, denominada Crônica do Cidadão (2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014 e 2015), com crônicas semanais publicadas em jornais da cidade. Em 2010 começa a publicar pequenos contos, escritos na década de 70, enfeixados sob o nome de Divagações de Ulisses e Variações sobre o mesmo tema. Além

de Festa de Páscoa (uma história da Febem). Em 2011 publicou ainda Iniciação de um Menino Tímido e outras histórias. Com outros escritores da APEG, publicou a obra Crônicas Garcenses, versando sobre aspectos desta mui nobre e gentil cidade de Garça.

Em 1995 participou, com seu poema Zumbi dos Palmares, do livro Mil Poetas Brasileiros, organizado por Toni Carré (RS).

Em Garça concorreu algumas vezes do Projeto Raça, obtendo o seu poema Ladainha da Penitência o primeiro lugar. No Mapa Cultural Paulista, um poema seu (Construtor de Presépio) passou para a fase estadual, outro (Ousadia) participou da fase regional, um conto (A Imprevisível Madame T.) e duas crônicas (Aventura Inesquecível e Que é do Menino?) foram classificados na fase estadual, tendo sido publicados respectivamente nos livros do Mapa Cultural Paulista Literatura - Edição 95, Edição 2011-2012 e Edição 2013-2014.

De 2005 até o mês de setembro de 2016, o autor conseguiu publicar 48 (quarenta e oito) livros de sua própria lavra (Veja no final do livro a Cronologia da Obra de Letterio Santoro), além de ter organizado, geralmente a expensas próprias, 12 livros individuais e coletivos.

APRESENTAÇÃO

Foi no dia 12.08.2016 que decidi organizar meu novo livro, denominado Poemas Rebeldes. Gostei do título sob o qual publicarei certos poemas onde manifesto meu espírito rebelde.

O adolescente é rebelde por natureza; o adulto e o idoso podem ser rebeldes por opção. Eu me considero um rebelde por opção. Na velhice cabe bem me apresentar com esse espírito de rebeldia diante de meus concidadãos, especialmente o leitor.

Interessante eu buscar esses poemas rebeldes no âmago de meus livros já estampados há dez anos, mas escritos vários há mais de quarenta anos. Desde o primeiro da série Travessia (2005) até o último da série Poemas para meu Povo (2016). Portanto estou peneirando poemas rebeldes ao longo de minha vida. Até para provar meu inconformismo com a realidade dura e cruel com a qual nos conformamos vida afora.

Mas uma surpresa me flagrou, quando buscava uma figura para estampar na capa da obra. Descubro de repente um Francisco, de espantosa simplicidade, pintado por Alfredo Volpi, a significar, em óleo sobre tela, minha rebeldia expressa em arte literária. Francisco, homem do milênio, foi em sua humildade, em sua graça, em sua santidade, um dos homens mais rebeldes que houve no mundo, a exemplo de seu Mestre e Senhor Jesus Cristo, “rosto divino do homem” e “rosto humano de Deus”. Cristo. Francisco. Nós.

Gostaria muito que meus poemas rebeldes fossem tão radicalmente rebeldes quanto esse Francisco, de Alfredo Volpi.

Letterio Santoro

12.08.2016

Índice Dinâmico

1. Sonho e liberdade – [p.10](#)
2. Sputnik – [p.10](#)
3. Dezoito anos – [p.11](#)
4. Baile de formatura – [p.11](#)
5. Liberdade (1)– [p.12](#)
6. Estudo livre – [p.13](#)
7. Assis – [p.14](#)
8. Filhos da terra e do céu – [p.15](#)
9. Armistício – [p.16](#)
10. Trânsito proibido – [p.16](#)
11. Direito – [p.17](#)
12. Ivani – [p.18](#)
13. Grande hotel – [p.19](#)
14. Votos – [p.20](#)
15. Liberdade (2)– [p.20](#)
16. Ideia – [p.21](#)
17. Mulher-Poema – [p.21](#)
18. Pannel – [p.22](#)
19. Sonho (im)possível – [p.22](#)
20. Vocação – [p.23](#)
21. Nas águas do rio Mecon – [p.24](#)
22. Pedido de menino – [p.24](#)
23. Fecundidade – [p.25](#)
24. Autodeterminação – [p.25](#)
25. O grito – [p.26](#)
26. A pequena betúlia – [p.27](#)
27. Vida-poema – [p.28](#)
28. Linhas paralelas – [p.28](#)
29. Terra, trabalho, liberdade – [p.29](#)
30. Analogia – [p.30](#)
31. Natal – [p.30](#)
32. Inconformismo – [p.31](#)
33. A melhor parte – [p.32](#)
34. Volta ao lar – [p.32](#)
35. Tentação – [p.33](#)
36. Estrela vermelha – [p.34](#)
37. Ascensão – [p.35](#)
38. Mãe e mestra – [p.36](#)
39. Irmão Francisco – [p.36](#)
40. Travessia – [p.37](#)

SONHO E LIBERDADE

(A meus dois heróis)

Grande Quixote, herói da fantasia,
punge-me o peito a lança refulgente,
a fina lança a sujeitar na gente
ao sonho doce a realidade fria.

És irmão de nós todos na porfia
contra a opressão da vida, indiferente
à dor, buscando a liberdade, crente,
ó Martin Fierro, da amizade pia.

Vós, filhos bem diversos de uma raça
onde impera a vileza e o ódio duro
a sufocar a graça de um sorriso,

cercai-me, peço, da ilusão sem jaça
que brota desse gesto nobre e puro
para me ver também no paraíso!

08.10.1976

SPUTNIK

O foguete Sputnik,
leve, rápido, arrojado,
rasga o céu, desfaz as leis,
penetra o grande universo
assombrando a criação,
qual o grito condensado
de um povo inteiro, atirado
com raiva quase, com força,
depois de ter arrancado
de sobre si, num momento,
a milenar opressão.

03.02.1977

DEZOITO ANOS

(À sobrinha Maria Aparecida Ferrari)

Águia gentil e altaneira
pelo céu azul sem fim,
voo agora satisfeita
de avistar bem a meus pés
todo o mar e a terra inteira.
Aqui na vasta amplidão
os maiores horizontes
cabem no curto horizonte
de meu nobre coração.

Perdida assim pelos ares,
além do tempo e do espaço,
sinto que o mundo eu abraço
em amplo gesto fraterno,
enquanto canto, vibrante,
a canção da liberdade
que é um eco sem dimensão
dessa livre imensidade.

Pairo acima dos limites
debruçada no meu sonho
de que a terra é muito azul.
E penso que as coisas todas
somadas junto são nada
ao lado desse desejo
de imortal felicidade
que meu coração invade
na venturosa manhã.

19.03.1977

BAILE DE FORMATURA

(À minha ex-aluna Terezinha, afilhada)

A vida,
donzela,
é valsa
singela,
instante
inconstante
de doce
ilusão!
As sedas,
as cores,
fingidos
amores,
uns poucos
vapores:
que são?

Mas valsa,
mas canta,
e a voz
alevanta
que agora,
menina,
é teu dia.
E sonha
também
que o baile
de gala
persiste.
E fala
pra todos

que existe ALEGRIA! **26.03.1977**

LIBERDADE (1)

Ah! vogar assim à toa...
sob o céu e sobre as águas...
sem qualquer finalidade!...
Descuidado dos horários,
o agulhão do dever
simplesmente abandonado!....

E sonhar, sonhar sempre...
Como nos dias de aulas,
quando à sesta, pelo bosque,
ouvia o doce ribeiro,
e o zunido da cigarra...
E sentado sobre as folhas,
outras folhas preenchia
de versinhos vagabundos...
E voltava à minha infância,
ao florido pessegueiro
- mastro de um grande navio,
de onde capitaneava
os pequenos companheiros!

Quem dormia ao pé do tronco
de um altíssimo eucalipto!
Quem caçava borboletas
pela encosta sossegada!
Um gostava de cavaco,
outro de jogo gostava.
Dava-se aquele à leitura,
cantarolava aquele outro.

Mas eu... apenas sonhando,
nesse momento tão belo,
em ser um simples poeta.
E preenchia as folhinhas
de versinhos vagabundos
até que ao longe a sineta
(den-den, den-den, den-den-den)
logo convocava a todos
para nova obrigação.

Ah! vogar assim à toa
por algum curto momento...
E sentir o dia inteiro
um eco de liberdade
perfumando minha ação!

13.09.1977

ESTUDO LIVRE

Psiu! Silêncio!
É manhã de domingo.
O salão de estudos
é um mundo de criatividade!
Cada qual faz o que quer.
Mas...em silêncio.
Chega de trabalho!
Chega de cansaço!
Chega de deveres!
É manhã de domingo.
Ah! É liberdade.

Vai-se da terra à lua
nas páginas de Verne.
A pena se exercita
em crônicas singelas.
À socapa, Alencar
é sempre devorado.
Enquanto Castro Alves
se lê ou é imitado.
À toa se divaga
num simples pentagrama.
Com arte delicada
se guarda a borboleta.
Ou pensa-se na Física
de fórmulas estranhas.
E cata-se palavra
no velho dicionário.
E até se filigrana
em capa de caderno.
Mas um, impaciente,
exige que o besouro
arraste-lhe o carrinho...

Uma ou duas horas,
sem nenhuma obrigação...
Tão curtas e tão cheias!
Psiu! Silêncio!
É liberdade!

05.09.1977

ASSIS

Desce a cidade
pela colina
feito donzela
gentil e fina,
que no presente
se adorna inteira
de graça antiga
(templos votados
a mortos deuses,
altos castelos
medievais,
ruas estreitas
e catedrais).

Anda a menina
modesta e queda
com olhos baixos
da castidade
de seus silêncios
impenetráveis
(dos longos Cárceres
e dos mosteiros
abandonados,
dos amplos vales
que aos claros pés
vão estirados).

A virgem bela,
absorta e extática,
vive do sonho
sempre presente
nunca passado

que a estremeceu:
nasceu-lhe um dia,
do céu mandado,
um pobrezinho
que só queria
fazer o bem,
e cujo exemplo
pôs todo mundo
mais transtornado.

E o bom menino,
cantando às aves,
falando aos bichos,
chamando a lua
de doce irmã,
lhe perfumou
todos os cantos
e em seus encantos
se transformou
no sol maior
(maior que o sol
por ele amado)
de cujos raios
lhe tece um véu
que ainda a cobre
e, contra o tempo,
sempre imortal
sua Assis torna.
(Em honra do “ Poverello “ de Assis)

05.10.1977

FILHOS DA TERRA E DO CÉU

Confesso que não sou
um “ dos filhos aspérrimos da terra”,
a lutar a cada dia
contra a ira dos deuses cobiçosos.
Lá se vão desde manhã,
colocam montes sobre montes,
ultrapassam horizontes,
e galgam sempre novas alturas,
e avançam contra o Olimpo,
de fronte suadas,
de mãos ensanguentadas,
na busca furiosa
de um punhado de glória
que lhes faísca à vista
feito Eldorado exclusivo.
E vivem, e sofrem, e morrem
para receber dos fracos
o oh! de um instante!

Eu sou um simples filho do céu
que, a cada manhã,
vê da janela a borboleta
levada pela mesma aragem
que acaricia a videira
cujos brotos se estiram preguiçosos,
verdes, verdes ao sol.
E escuta o passarinho,
e exulta com os botões de rosa
no esforço de se abrir,
e de longe se deixa extasiar
com o futuro transitório da beleza.
Enquanto as mãos abanam
um comovido adeus sobre tudo!
05.10.1977

ARMISTÍCIO

Apanhados de surpresa,
escutarão meus ouvidos
algures, alguma vez,
os ecos da voz perdida
de minha tia a gritar,
lá nos altos da colina,
que o armistício chegou
(um armistício total),
que a guerra enfim terminou
- a guerra individual
mais a guerra universal?

E então todos irmanados,
a salvo das grandes bombas
(das bombas individuais,
das bombas universais),
não nos daremos as mãos,
e saltaremos de alegres
e cantaremos com força
um hino de uma só voz
à nossa libertação
como fez pelo armistício
meu povo lá na colina?

06.10.1977

TRÂNSITO PROIBIDO

Perde-se no íntimo
de meu coração
essa estranha alameda
onde é expressamente
proibido o trânsito
de barulho,
de preocupação,
de orgulho,
de ambição.
Podem caminhar
por aí apenas
silêncio...
marulho...
perfume...
gorjeio...

Águas de São Pedro, 19.10.1977

DIREITO

Que vontade incontida
de fazer
agora e sempre
o que por dentro
eu sinto e penso!
Que vontade doida
de gritar NÃO!
a tanta coisa,
e BASTA! a tanta gente.

Eis-me, porém, de mãos atadas,
a boca amordaçada,
noite e dia,
a mastigar minha agonia!
Por que ser obrigado
a percorrer caminhos
tão opostos
aos que meu coração
me aponta em vão?

Por que há de o céu
estar sempre fechado
à minha vista,
quando além
pressinto galáxias
infinitas?

Viver paradoxal:
Cá dentro explodo em vida
ardendo de ilusões,
por fora estou tolhido
de inúteis convenções!

Mas...não teria
chegado já o momento
de romper a dura porta,
e clamar ao infinito,
aos gritos,
que também tenho
o DIREITO
de ser feliz?
08.12.1977

IVANI

IVANI
que tem
que não ri?
Mais parece um anjo pequenino,
caído do céu
de repente,
e que, sentado,
confusa a mente,
pergunta-se por quê!
O paraíso,
onde está o paraíso
de que foi expulsa
sem nunca ter entrado?
Seria então a vida
um atordoamento
inexplicável?
É por isso que IVANI
não ri?
Ou não seria porque
sua alma é bem maior
que o corpo seu franzino?
E IVANI
tenta entrar dentro de si
mas não há jeito!
Diminuiria a alma?
Aumentaria o corpo?
Não sabe.
Não pode.
Quer?
Como vai rir IVANI
se é uma canção delicada
prestes a ser tocada

em flauta doce
e que não sai?
Ai!
Que dedos estão fora do lugar,
santo Deus?
A canção prontinha
vendo o mundo
todo atento
a respiração retendo
e não pode sair?!
Que pesadelo!
Mas por que não ri
a menininha IVANI?
Olha o mundo como quem
estivesse ainda ouvindo
longes ecos de cirandas
cirandinhas inocentes
(vamos todos cirandar?),
vendo apenas ao redor
a roda de duras pernas
da gente de duro olhar!

Entendo por que não ri
IVANI.
O que não consigo alcançar
é como pode ela ainda
não chorar!
24.12.1977

GRANDE HOTEL

Aqui
todo dia é dia santo?
Que é da preocupação?
Ninguém sabe não!
Cada qual por seu canto
a comer
a brincar
a correr
a jogar
a beber
a conversar
feito criança
que não tem o que fazer.
Namorados balouçando sonhos
na gangorra.
Bordadeiras apanhando
no pano rústico
o vôo gentil das borboletas.
E as flores explodindo de graça
de-sa-bro-cha-di-nhas
só para deixar os olhos
quase doidos!
Aonde foi parar
o mundo e seu ruído?
O mundo por aqui
são doces alamedas;
o ruído,
apenas o chilreio dos pássaros,
o marulho das águas.

O presente
é uma ilusão
permanente,
onde a idosa e a donzela,
a feia ou a bela
vivem se preparando
para festas.
E garçons maneirosos
trazendo tudo pronto.
E arrumadeiras jeitosas
deixando tudo pronto.
Pronto! É o paraíso!
Águas de São Pedro, 19.10.1977

VOTOS

Aqui não haja nunca
nem pompas nem riquezas
nem ócio ou desperdício
prazeres nem benesses
de imperiais palácios
onde apenas alguns
a passos
lassos
sofridamente
ingressam.

Haja aqui tão somente
a gruta sempre aberta
do trabalho e da modéstia
do esforço e do heroísmo
do respeito e parcimônia
em cujo interior
austero
um Menino Jesus
recém-nascido.

E sinta ao seu redor
a cada instante
a graça de Maria
o apoio de José
o calor aconchegante
do boi e do burrico
a alegria dos anjos
e a doce companhia
dos pastores
de que você se nutra
e vá crescendo.

E encontre
sempre aqui
contra possíveis dissabores
de algum Herodes mau
o reconhecimento
singelo e leal
de Reis Magos viajores!

Natal 1977

LIBERDADE (2)

Andar estrada além
sozinho e vagabundo,
não buscando com ninguém
o sentido deste mundo.

Parar à beira do caminho
cheio o peito de alegria
para beber de mansinho
das águas da poesia.

Comer com gosto e fome
à hora mais aprazada
o pão de meu trabalho
sem nunca pedir nada!

E ao chegar a noite
no ponto em que eu chegar
deitado sob estrelas
com elas só sonhar!...

18.05.1978

IDEIA

Eis que a ideia amadurece
no jardim de minha mente
- aberta, bonita, diferente –
a seduzir meu coração
que logo a reconhece
preparada para a ação.

Zumbe-lhe perto a abelha da palavra
que a pouco e pouco desce,
e lhe retira o mel, e esquece
nas dobras de si mesma
o pólen fecundante.

E enquanto voa
a palavra à toa
espalha o pólen que floresce
no jardim de outras mentes
em novas ideias semelhantes.

23.05.1978

MULHER – POEMA

(À companheira de Senac, Maria Heloísa)

Poema simples composto
na glória do dia a dia,
durante anos tecido
da mais singela poesia!

Poema já declamado
quando ainda se fazia;
ainda não terminado,
e já completo se ouvia.

Poema de meiga flor
que a luz do sol aprecia,
e na mãozinha inocente
de criança se confia!

Poema de rica joia,
de especial pedraria
cuja graça peregrina
nossos olhos extasia!

Poema antigo e moderno
a cantar com alegria
o heroísmo do trabalho
que novo mundo nos cria!

Poema tão natural
como a fonte clara e fria
que as almas dos viajores
dos cansaços alivia.

Poema cheio de encanto
de doce capela pia
que a paz guardada consigo
aos outros sempre irradia.

Poema de rima e metro
onde a palavra seria
sempre com jeito rimada
em compassada harmonia!

Poema de amor alegre
e de amizade sadia
que para o bem dos que o cercam
ao próprio bem renuncia.

Poema que de repente
nos foge da companhia
como se fosse por todos
requisitado à porfia.

Poema nunca esquecido
de quem antes sempre o lia;
pois a memória o retém
para o recitar consigo
com profunda nostalgia!

07.06.1978

PAINEL

(Contemplando um mural de Portinari)

Vida: painel de contrastes
distribuindo-se sobrepostos.
Na luz da liberdade para todos
a veneração de quem
teve as trevas do calabouço
com alguns
e foi sacrificado
sozinho.

Clara idade
emergindo
da tenebrosidade.

Os grilhões se rompem
dos grilhões arrastados.

A vida brotando da morte.

Palácio dos Bandeirantes – 29.06.1978

SONHO (IM) POSSÍVEL

(Ao contemplar um quadro de Djanira)

Quem me dera um poema
simples,
doce,
ingênuo,
gracioso,
sem nada,
com tudo,
feito esse óleo teu, Djanira,
onde o Divino
se faz brinquedo de menino
e moda de viola
e estandarte de festa
multicolorida
na procissão da vida.

Palácio dos Bandeirantes - 29.06.1978

VOCAÇÃO

Eis que a palavra
passa por mim
lança-me os olhos
e simplesmente
me diz assim:

- Venha e me siga!

Embevecido
daquele olhar
deixo meus bens
deixo meu lar
e pobrezinho
vou pelo mundo
de meus sentidos.

Mas ouvirão
esses pagãos
a boa nova
dessa doutrina?
De qualquer modo,
prego a palavra
que dentro em mim
mata e fascina!

06.07.1978

EPIMETEU

Ter tanta força
na mão
a ponto de mudar
com arte
simples palavras
em ação!

06.07.1978

RESPOSTA

“Despreza-te, zomba de ti a virgem, filha
de Sião. (2Rs 19, 21)

“Por onde veio, voltará, não entrará nesta
cidade, oráculo de Javé. (2Rs 19,33)

Nada de ficar ouvindo

Retinindo

a voz de bronze dos assírios
sobre os muros da cidade!

Nada de crer nas ameaças
de palavras
cheias apenas de falácia
do senhor Senaquerib!

Nada de medo pelo assédio
e consequências
de sede, e fome, e privações
contra a Torre de Davi!

Vamos, Jerusalém, apela
para as forças
que existem no teu seio,
e parte à luta!

Verás assim como morre
diante de ti
o orgulho do inimigo
em debandada!

18.07.1978

NAS ÁGUAS DO RIO MECOM

“Este receberá, plácido e brando,
No seu regaço o Canto que molhado
Vem do naufrágio triste e miserando...”
(Luiz de Camões, in Os Lusíadas X-127)

Por entre as águas
do rio MECOM,
desesperada,
a tua mão
e o teu Poema,
pobre CAMÕES,
feito um protesto
da LIBERDADE
entre as torrentes
da opressão
sobre a exausta
humanidade!

26.11.1980

PEDIDO DE MENINO

1.
Filho do Homem, meu irmão,
não me dê neste dia
nada que venha a me lembrar
as portas fechadas de Belém,
o frio dos indiferentes,
o desprezo dos cortesãos,
a vil traição de Herodes,
o grito dos inocentes
na noite da mentira!
Sou tão pequenino,
sou apenas um menino:
não preciso disso!

2.
Filho do Homem, meu irmão,
peço-lhe apenas nesse dia
o carinho de Maria,
a atenção de José,
o aconchego dessa lapa,
o calor dos animais,
o canto dos passarinhos,
a ternura dos pastores,
a simplicidade dos Magos,
a alegria dos anjos.
Sou tão pequenino,
sou apenas um menino:
preciso de você!

08.12.1980

FECUNDIDADE

Termina enfim o opróbrio
de minha alma,
terra árida e seca – deserto
aos ventos do nada aberto.

Termina o opróbrio enfim
porque no canto
mais escondido de mim
surge a vida por encanto.

Enfim o opróbrio termina
com a fecundidade:
em pleno deserto brota
a semente da liberdade!

09.12.1980

AUTODETERMINAÇÃO

(À Polônia)

- Siêncio!
- Por quê?
- Não temes?
- De quê?
- Eu quero.
- Pois falo.
- Silêncio!
- Não calo!
- Olha lá fora
por todo lado.

- Ouço aqui dentro
o que é pensado.

- Faze silêncio,
é rebeldia!

- Não aceitamos
a tirania.

1981

O GRITO

“ Aprendi a dizer NÃO! “

Um dia
a noite caiu
sombria
sobre o povo do Uruguai.
E fez-se
silêncio – soturno,
pesado,
sufocando na garganta
um ai!
Na noite
do medo brilhavam
apenas
mil olhos vivos tentando
espiar
o sentimento do povo
calado
em meio às densas trevas.

Do Olimpo
os deuses desceram
duros
para ouvir a população.
E atiram
A pergunta duvidosa:
“ Sim ou não à opressão? “
E súbito
no silêncio da noite
mais forte
que o ribombar do trovão
ouviu-se
o grito seco do povo
dizendo NÃO!

Os deuses
estremeceram assustados
e logo
ao Olimpo retornaram.
Mas o eco
daquele NÃO contido
começa
a apavorá-los para sempre!
1981

A PEQUENA BETÚLIA

“Não tendes receio do rei de Babilônia que tanto temeis “ (Jr. 42, 11)

1.

As outras cidades tremam
ante a fúria de Nabucodonosor!
Embora! Tu não.
As outras cidades abram
suas portas à ameaça do invasor!
Embora. Tu não.
As outras cidades cantem
e recebam com danças a Holofermes!
Embora! Tu não.

2.

Tu és Betúlia, a menor
cidade da região
sonhando seus próprios sonhos
de pequenina nação.

Tu és Betúlia, resiste
ao medo com ousadia
pois quem cede não subsiste
para própria ignomínia.

A força de um inimigo
que te cerca inteiramente
nada consegue contigo
se teu povo não consente.
Venha a fome, venha a sede
e com ela o desespero;
tu, Betúlia, não cede
no momento derradeiro.

Há de se ouvir pela noite
o grito do mensageiro
contando o fim de Holofermes
e a fuga de sua gente.

Cantar-se-á de manhã
pelas ruas, pelas praças
a vitória de Betúlia,
e do inimigo – as desgraças.

3.

.
As outras cidades sejam
invadidas pelas tropas dos assírios!
Embora! Tu não.
As outras cidades sejam
submissas ao rei Nabucodonosor!
Embora! Tu não.
As outras cidades sejam
arrasadas por Holofermes!
Embora! Tu não.

Natal de 1981

VIDA-POEMA

(Poema sem verbo)

Ideias brilhantes
sonhos delirantes
palavras ao léu
feito bolhas de sabão
coloridas pelo céu:
- o dispensável adjetivo
na diuturna tessitura
de minha vida-poema.

No dia-a-dia, antes
a suavidade de flauta
a firmeza da pedra
o gosto de fruta
da atitude, da ação
da participação:
- o substantivo somente
dentro da vida-poema!

13.05.1982

LINHAS PARALELAS

Enquanto CÉSAR AUGUSTO impõe com
guerra a paz ao mundo inteiro,
JESUS DE NAZARÉ vai pregando
que aquele que serve é o maior.

Enquanto TIBÉRIO CÉSAR nas delícias de
Capritripudia dos sofrimentos do povo,
JESUS DE NAZARÉ vai sendo condenado
por pregar que todos são irmãos.

Enquanto CÉSAR NERO, do alto da loucura,
canta o incêndio da Cidade,
os discípulos de JESUS incendeiam
os corações de toda gente.

Não se descobrirá nunca nesta vida
uma geometria que nos dê esperança
de se encontrarem afinal
essas duas linhas paralelas?

10.08.1981

SENTIMENTO

Ao avistar a paisagem
dos altos desta colina
não avisto a própria imagem
de minha alma menina?

Sempre aberta para o sol
que a fecunda e ilumina
vive imersa no silêncio
de sua graça divina.

Acolhe num grande abraço
a quem dela se aproxima
estando aos pés e aos olhos
o verde bom da alcatifa.

Cantam nela os passarinhos
e as flores se abrem lindas
para alegrar os sentidos
dos poucos que a visitam.

E ali se fica sem medo
e ali com gosto se fica
ora às sombras da alameda
ora em doce companhia.

Ao avistar a paisagem
dos altos desta colina
avistei a própria imagem
de minha alma menina!
Águas de São Pedro, 03.12.1981

TERRA, TRABALHO, LIBERDADE

(Aos companheiros trabalhadores)

Terra vasta, rica terra,
Enquanto não fores mãe
Rasgando a todos o seio
Restarás como disputa:
Alimento ou prostituta?

Tragam já, mas tragam já,
Restos não, os frutos todos
À mesa de quem trabalha.
Basta de esbanjar patrão
A quilo que é de operário!
Lugar ao sol na cidade,
Haja vez também no campo,
Ou se lute até morrer!

Liberdade, Liberdade,
Invade as mentes e os peitos,
Bilha acima das vontades!
Erradica a tirania,
Rebela o pulso dos fracos,
Desmonta os duros esquemas,
Acolhe toda ousadia,
Defende as novas ideias,
E venham os tempos bons!

09.10.1982

ANALOGIA

“O povo...caminhou para Jericó” (Js 3,16)

A pequena Jericó
com seu rei e sua corte
de vãs muralhas cercou-se
contra os filhos de Jacó

Foi-lhes proibida a passagem
e os afastaram de perto.
Mas o povo é como a aragem
que passa por onde quer.

E assim decidiu-se a sorte
da egoísta cidadela:
todo o povo gritou forte
e caiu a força dela.

Depuseram corte e rei
votando-se ao interdito
tudo que lembrar pudesse
aquele tempo maldito!

14.06.1983

NATAL

Na noite da solidão
tu me fazes companhia.

Dos meus dias de tristeza
és o canto da alegria.

Quando me vejo em penúria
tens a graça que sacia.

Contra os fantasmas do medo
me sugeres ousadia.

Na selva do desamor
tua inocência me guia.

Pelos ermos da frieza
de ti me vem a valia.

Teu silêncio é meu refúgio
contra o ruído do dia.

Em ti encontro a certeza
que a perfídia repudia.

No desespero, esperança
de tua alma se irradia.

Oh, dá-me sempre do pão
dessa amizade sadia.

Não me negues o sorriso
que minha vida alumia.

Guarda no peito o menino
que o gesto torna em poesia.

25.10.1983

INCONFORMISMO

“ ...che, non men che saver, dubbiar
m’aggrata. “ (Dante)
(À amiga Marilda)

1.

Por que será que o rio
tem de andar só para a frente
sem nunca voltar atrás?

Por que se contenta a abelha
no curto espaço de vida
de fazer sempre o que fez?

Por que a mãe Natureza
derrama graça e sorriso
e nada nos pede em troca?

2.

Por que será tão difícil
chegar-se logo a um acordo
entre os que pensam igual?

Por que alguns não percebem
as ideias escondidas
atrás das pedras dos fatos?

Por que poucos terem tanto
e tantos terem tão pouco
se o homem é racional?

3.

Por que serei obrigado
a cumprir sem discussão
o que me foi ordenado?

Por que agitar-me em vão
atrás do bem transitório
sem a paz do coração?

Por que também fui amar
a quem me ama e não quer
comigo sempre ficar?

4.

Afinal, eu me pergunto
por que tanto porquê;
haveria neste mundo
quem tanta resposta dê?
Mas não consigo viver
se não pergunto o porquê!

27.07.1984

A MELHOR PARTE

“Maria escolheu a melhor parte...” (Lc 10, 42)

Minha alma é um lago sereno
em dias de primavera:
ao fundo, dorme a paixão
e, perdida no silêncio,
a água contempla o céu.

Que doce canto que sobe
do silêncio da tebaida
a encantar nossos ouvidos!
Aqui dentro o amor pode
mais que lá fora os conflitos.

E, entre suspiros, com quem
sonhamos nós, noite e dia,
senão contigo, ó Silêncio,
que o coração nos seduzes
com tua santa alegria?
(À sobrinha Cidinha e suas companheiras)
04.01.1984

VOLTA AO LAR

Findo o trabalho
cessada a azáfama
o corpo lasso
- vencida a guerra –
Ulisses volta
a sua Ítaca
ao seu palácio.

Ah, o cheiro bom da sopa,
o carinho de Penélope
e do menino, a leitura
dos oráculos divinos
ao redor da farta mesa
no gozo da paz doméstica!

É a volta ao paraíso
de quem dele saiu
à força para o exílio!
07.01.1984

TENTAÇÃO

Nem tudo é paz nas águas
deste Mediterrâneo
por onde se navega:
além da tempestade
que leva ao fundo e ao alto
também surge a sereia
entre Cila e Caríbdis.

Mais fácil de enfrentar
será o temporal
- a guerra do tufão! –
que se ri da fraqueza
de barco e navegante.
Consiste a glória então
em afrontar desgraças
domando a adversidade.
Mas que glória haverá
em fugir aos encantos
da sereia gentil?
E atendê-la por quê,
já que é morte atendê-la?

Eis-te aqui, eis-te ali,
ó ser anfibológico
(nem peixe nem mulher)
entre Cila e Caríbdis
a seduzir quem passa
nas águas desse mar!
Por que ser impedido
de andar por outras águas
sem que seja preciso
cair numa cilada?

Silêncio! É o canto dela,
o canto mavioso
que encanta meus ouvidos!

Silêncio! São suas formas
macias e perfeitas
a fascinar meus olhos!
Ó Tentação, por que
ter tanta suavidade
e estrangular nos seios
a energia de Ulisses?

Ora, sus, companheiros!
Intelecto e Vontade,
valei-me vós agora,
amarrai-me, vos peço,
com vossas fortes cordas
e tapai-me os ouvidos
na doce e cruel hora!
Não me seduza, não,
a ilusão do momento,
que eu busco outros limites!

09.01.1984

ESTRELA VERMELHA

(Aos companheiros do Partido dos
Trabalhadores)

Estrela vermelha,
que luzes no céu
de nossa esperança,
quem te há de apagar?
Imagem do povo
- por mais que se tente
empanar teu brilho,
tu há de brilhar!

Estrela vermelha,
do sangue de tanta
anônima gente
que luta e resiste,
tu és a semente
de novos heróis
brotando da terra
que a todos assiste.

Estrela vermelha,
da fé no trabalho
que forja no tempo
a graça da vida,
tu ardes no peito
do trabalhador
que de seu produto
também é senhor.

Estrela vermelha,
por quem suspiramos
tão ardentemente

de noite e de dia,
sol da liberdade
ilumina os passos
de quantos te buscam
contra a tirania.

Estrela vermelha,
tu és o resumo
de todos os sonhos
que a vida nos dá.
Sem eles não vale
a pena viver.
Por eles se há de
lutar ou morrer!

26.01.1984

ASCENSÃO

(À dona Carlota)

Meu Deus, mas que delícia,
nos altos deste monte,
receber a carícia
da brisa no meu corpo
cansado da ascensão!
Meu Deus, mas que delícia
ao fim da caminhada,
sozinha, contemplar
com meus sofridos olhos
esta imortal visão!

Lá ficou, esquecida
nas trilhas do sopé,
a ilusão da partida
em meio aos companheiros
da fresca mocidade.
Andávamos contentes
à sombra do arvoredado
por entre as fontes d' água,
em cânticos à vida,
sem paz, porém sem medo!

Ficou atrás a escarpa,
a via - crucis da vida,
sob o horror da canícula,
e as mãos, e os pés, e a alma
se ferindo na pedra.
Ó solidariedade,
onde estavas então?
Sem guarida nas quedas,
as vistas nas alturas,

passou-se a meia idade.

Mas a própria subida
quanto mais dura, mais
me ampliava o horizonte
mais minha alma crescia.
E subi entre a inveja
por quem chegava ao alto
aos gritos de alegria,
e o choro doloroso
por quem pelo caminho
às vezes desistia.
E também eu cheguei
aos altos deste monte!
E também eu ganhei
a palma da vitória!
O que me resta agora?
Acima das vaidades
das coisas pequeninas
só me resta sonhar
o sonho mais bonito:
abraçar o infinito!

17.02.1984

MÃE E MESTRA

(À minha mãe)

A casa de minha mãe
é uma universidade
onde os filhos mais o pai
aprendemos à vontade.

Tem alta sabedoria
a mestra que nos ensina,
pois foi na escola da vida
que assimilou a doutrina.

E a transmite pelo método
mais simples e eficiente:
como o filósofo antigo
dialoga com a gente.

O quintal cheio de plantas
ou a cozinha ou a sala
é a singela academia
onde ela aos alunos fala.

Seus provérbios são compêndios
de eterna filosofia,
mais preciosos para nós
que muita inútil teoria.

Dos seus lábios flui a história
feito linfa pelo monte
e quem toma dessa água
vislumbra novo horizonte.
Se não entende, ela escuta
com gosto e satisfação,

porque a mestra sempre aprende
mesmo durante a lição.

E, quanto mais velha, mais
como o bom vinho de torna:
quem provou de sua graça
a ela sempre retorna!

Dia das Mães – 13.05.1984

IRMÃO FRANCISCO

“...se não é siso um pouco de loucura”
(Camões)

IRMÃO FRANCISCO
fica nuzinho,
anda descalso,
é pobrezinho;
beija leproso,
treme de frio,
dorme no chão.

IRMÃO FRANCISCO
não teme nada!

IRMÃO FRANCISCO
dança na rua,
canta pra lua,
brinca com aves,
fala com lobo,
afaga as plantas
ama os irmãos.
IRMÃO FRANCISCO
é um homem livre.

01.09.1984

TRAVESSIA

A certeza da saída, muito atrás;
o ponto de chegada, na esperança.
Sobre as ondas da instabilidade,
quão longe de toda a segurança!

Por todo canto, a lima dos riscos
no afiamento da incipiente coragem.
Excitação no campo de batalha:
medo e ousadia na luta - juntos.
Eu múltiplo, nunca sozinho;
tantas vezes só em meio a tantos.
No caroço da paciência, a raiva;

no mais fundo do silêncio, o grito.
Subordinado e chefe de mim mesmo;
sempre contente, nunca satisfeito!

No passo a passo, ao longo do deserto,
as pequenas conquistas do dia a dia.
E no aguardo da sonhada Canaã
sempre o impulso rumo ao amanhã.

(Aos companheiros da Chapa 1 para as
eleições da Diretoria
da ATF - Associação dos Trabalhadores da
Febem)

15.07.1985